

**MOSAICO DIDÁTICO**  
tributo ao professor  
**Joaquim Dolz**



### **Coordenação**

Kleber Aparecido da Silva

### **Assistente de Coordenação**

Ademar Soares Castelo Branco

Cátia Regina Braga Martins

Dlúbia Matias Santclair

Lauro Sérgio Machado Pereira

Oseas Bezerra Viana Jr.

Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

Rosana Helena Nunes

Silvia Maria de Oliveira Penna

Simone Maranhão

Tamara Rosa

Vilton Soares

### **Conselho Editorial**

Alastair Pennycook

Allen Quesada

Ana Nery Damasceno Noronha

Ana Sousa

Antonieta Heyden Megale

Aparecida de Jesus Ferreira

Beatriz Gama Rodrigues

Carmen Jená Machado Caetano

Cátia Regina Braga Martins

Daniel Silva

Elaine Fernandes Mateus

Elkerlane Martins de Araújo

Fernanda Coelho Liberali

Joaquim Dolz

Kleber Aparecido da Silva

Li Wei

Lynn Mário Menezes de Sousa

Gabriela A. Veronelli

Gisvaldo Araújo Silva

Manuela Guilherme

Reinildes Dias

Ofelia Garcia

Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

Paulo Massaro

Renato Cabral Rezende

Rodriana Costa

Rosana Helena Nunes

Rosane Pessoa

Ryuko Kubota

Sávio Siqueira

Sweder Sousa

Tatiana Dias

Veruska Machado

Vilson Leffa

Viviane Resende

Vera Lúcia Lopes Cristovão  
Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin  
Eliane Gouvêa Lousada  
Paula Cobucci  
Kleber da Silva  
(organização)

18

**MOSAICO DIDÁTICO**  
tributo ao professor  
**Joaquim Dolz**

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Mosaico didático : tributo ao professor Joaquim Dolz / organização Vera Lúcia Lopes Cristovão...[et al.]; coordenação da Coleção Kleber Aparecido da Silva. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2024. – (Coleção Estudos Críticos em Linguagens)

Vários autores.

Outros organizadores: Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin, Eliane Gouvêa Lousada, Paula Cobucci, Kleber da Silva.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-854-8

1. Dolz, Joaquim 2. Educação 3. Homenagem 4. Línguas e linguagem 5. Linguística 6. Professores - Formação I. Cristovão, Vera Lúcia Lopes. II. Leurquin, Eulália Vera Lúcia Fraga. III. Lousada, Eliane Gouvêa. IV. Cobucci, Paula. V. Silva, Kleber da. V. Série.

24-231908

CDD-410

**Índices para catálogo sistemático:**

1. 1. Estudos em homenagem a Joaquim Dolz : Linguística 410

capa: Studio Rotta Design Gráfico  
gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide  
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras  
revisão final dos autores  
bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-lettras.com.br](http://www.mercado-de-lettras.com.br)

[livros@mercado-de-lettras.com.br](mailto:livros@mercado-de-lettras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 4**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## SUMÁRIO

ENSAIO INTRODUTÓRIO AO TRIBUTO  
AO PROFESSOR JOAQUIM DOLZ 9

CAPACIDADES MULTISSEMIÓTICAS: UMA EXPANSÃO  
DO CONCEITO DE CAPACIDADES DE LINGUAGEM 41  
*Rayane Isadora Lenharo, Vera Lúcia Lopes Cristovão*

CAPACIDADE DE IMITAÇÃO NO ENSINO DE INGLÊS  
PARA CRIANÇAS: UMA PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO  
DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM 63  
*Raquel Franciscatti dos Reis, Maria Ilza Zironi*

O TRABALHO COM SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS  
DO GÊNERO NOTÍCIA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO  
SIGNIFICATIVA COM O TEXTO EM SALA DE AULA 81  
*Milena Moretto, Juliana Marassatto Soares,  
Bruna de Oliveira Leite Murraer*

ENSINO DE GÊNEROS TEXTUAIS NA LICENCIATURA  
EM LETRAS: UM PROJETO DE CLASSE PARA A ESCRITA,  
A ORALIDADE E A DOCÊNCIA 97  
*Lília Santos Abreu-Tardelli*

PROPOSTA DE ANÁLISE DE GÊNERO EM LIBRAS  
PARA OUVINTES: ENTREVISTA COM ESPECIALISTA 115  
*Girlaine Felisberto de Caldas Aguiar,*  
*Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo,*  
*Shirley Barbosa das Neves Porto*

A MODELIZAÇÃO DO GÊNERO REDAÇÃO DO ENEM 135  
*Rosana Souza de Vargas, Luciane Sturm*

DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA CLÁSSICA À SEQUÊNCIA  
DE LEITURA DE GÊNEROS 155  
*Eliana Merlin Deganutti de Barros, Irene Sampaio*

SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO:  
O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA NO ENSINO MÉDIO 177  
*Maria Izabel Rodrigues Tognato,*  
*Marcia Cristina Aquino de Paula,*  
*Lidia Stutz*

DO CINEMA ÀS NOTÍCIAS: A ELABORAÇÃO  
DE DISPOSITIVOS DIDÁTICOS PARA DESENVOLVER  
A PRODUÇÃO ESCRITA EM FLE 193  
*Juliana de Oliveira Gimenez, Aline Diaz Reato,*  
*Eliane Gouvêa Lousada*

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E GÊNEROS TEXTUAIS  
NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA EM LÍNGUAS ADICIONAIS  
PARA CRIANÇAS 213  
*Juliana Reichert Assunção Tonelli,*  
*Otto Henrique Silva Ferreira*

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE GÊNEROS E AS  
FINALIDADES DO ENSINO DE LÍNGUA 229  
*Fabiana Ramos, Maria de Fátima Alves,*  
*Danielly Dayane Soares de Macêdo*

DAS PEDRAS NO MEIO DO CAMINHO À CONSTRUÇÃO DE  
SABERES: BASTIDORES DE UMA PESQUISA-AÇÃO COM  
SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA PRÁTICAS DE LETRAMENTO  
CIENTÍFICO NO ENSINO MÉDIO 247

*Guilherme Moés, Regina Celi Mendes Pereira*

A ESCRITA DE MINICONTOS: UMA PROPOSTA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DO ALUNO E DO PROFESSOR 269

*Kátia Diolina, Luzia Bueno*

O GÊNERO SEMINÁRIO COMO AVALIAÇÃO DE CONTEÚDO  
(E A ORALIDADE NÃO AVALIADA) 287

*Joaquim Junior Silva Castro, Tânia Guedes Magalhães,  
Adriana Aparecida Silva*

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUAS:  
CONTRIBUIÇÕES DE JOAQUIM DOLZ 309

*Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin,  
Camila Maria Marques Peixoto, Maria Vieira Monte Filha*

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENGENHARIA DIDÁTICA:  
PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO INICIAL 325

*Carlos Héric Silva Oliveira, Lídia Amélia de Barros Cardoso,  
Maria Valdênia Falcão do Nascimento*

A RÈGLE DU SEPT NO CONTEXTO DE ENSINO  
E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS  
NO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES 345

*Fatiha Dechicha Parahyba, Meire Celedonio da Silva,  
Fábio Delano Vidal Carneiro*

SOBRE OS AUTORES 363



## ENSAIO INTRODUTÓRIO AO TRIBUTO AO PROFESSOR JOAQUIM DOLZ

As contribuições teóricas, metodológicas e didáticas do Professor Joaquim Dolz e colaboradores ao ensino e à formação de professores têm sido significativas não só no cenário da Universidade de Genebra, mas também no Brasil.

Do ponto de vista internacional, os trabalhos da equipe de Genebra foram divulgados, no Brasil, principalmente, por meio do livro *Gêneros orais e escritos na escola* (Schneuwly e Dolz 2004), cuja publicação celebra agora vinte anos. A obra difundiu diversas teorias e propostas práticas pertinentes para o ensino de línguas e inspirou a formação inicial e contínua de professores, a elaboração de livros e outros materiais didáticos e diversas políticas públicas que tratam sobre o ensino de línguas.

Nesta coletânea, reunimos pesquisadores de diferentes regiões do país para prestarmos nossa homenagem ao querido Joaquim Dolz, que tem colaborado incansavelmente no campo da educação brasileira.

Os textos representam grupos de pesquisa das regiões sul, sudeste, nordeste e centro-oeste. Na região sul, o primeiro grupo de pesquisa cadastrado na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) foi o “Linguagem e Educação”, em 2002 (<https://ojs.ufgd.edu.br/>

index.php/Raido/issue/view/618). Outros grupos de pesquisa também foram cadastrados na UEL e CNPq a partir de 2004, a saber: “Gêneros Textuais no Ensino Médio: Modelos Didáticos para uma abordagem no ensino de língua materna”, “Gêneros Textuais e Mediações Formativas” e “Gêneros textuais e ferramentas didáticas para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa”. Deles, diversos outros grupos foram se formando conforme os pesquisadores foram se doutorando e se inserindo em Programas de Pós-Graduação em suas instituições de ensino superior, no Paraná. Há também os grupos do Rio Grande do Sul, cadastrados, em especial, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e CNPq. No início de 2023, à época do evento em homenagem ao Professor Dolz na Universidade de Brasília (UNB), apresentamos o seguinte quadro com os nomes de pesquisadores que atuam como líderes e/ou membros de grupos de pesquisa em suas universidades. Seus grupos têm grande influência das contribuições do nosso homenageado.

QUADRO 1 – Pesquisadores orientadores em nível de graduação e pós-graduação

Estados do sul	Nomes de orientadores de pesquisa de graduação e pós-graduação na região Sul
Paraná	Vera Lucia Lopes Cristovão (UEL) Elvira Lopes Nascimento (UEL) <sup>[1]</sup> Juliana Reichert Assunção Tonelli (UEL) Suélen Maria Rocha (UEL) Maria Izabel Rodrigues Tognato (UNESPAR) Jacqueline Costa Sanches Vignoli (UNESPAR) Amábile Piacentine Drogui (UNESPAR) Ana Paula Trevisani (UNESPAR) Claudia Lopes Pontara (UNESPAR) Francini Percinoto Poliselí Corrêa (UNESPAR) Marileuza Ascencio Miquelante (UNESPAR) <sup>[2]</sup> Lídia Stutz (Unicentro) Priscila Azevedo da Fonseca Lanferdini (Unicentro) Eliana Merlin Deganutti de Barros (UENP) Marilúcia dos Santos Domingos Striquer (UENP)

(cont.)	Claudia Valéria Doná Hila (UEM) Annie Rose dos Santos (UEM) Cristina Mott Fernandez (UEM) <sup>[3]</sup> Didiê Ana Ceni Denardi (UTFPR) Ana Valeria Bisetto Bork Godke (UTFPR) <sup>[4]</sup> Paula Kracker Francescon (SESI Internacional)
Santa Catarina	Thiago Jorge Ferreira Santos (UFSC)
Rio Grande do Sul	Ana Maria de Mattos Guimarães (UNISINOS) <sup>[5]</sup> Dorothea Frank Kersch (UNISINOS) Anderson Carnin (UNISINOS) <sup>[6]</sup> Luciane Sturm (UPF)

Fonte: Cristovão (2023)

[1] Está aposentada atualmente.

[2] Está aposentada atualmente.

[3] Está aposentada atualmente.

[4] Está aposentada atualmente.

[5] Está aposentada atualmente.

[6] Está na Unicamp desde 2023.

Na região Sudeste, temos a sede do Grupo ALTER (Análise de Linguagem, Trabalho e suas Relações), também cadastrado na base de dados do CNPq, e que foi o primeiro grupo a reunir pesquisadores de diversas regiões do Brasil em torno do quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Fundado em 2002 por Anna Rachel Machado e com sede, inicialmente, na PUC-SP, o grupo foi transferido para a USP em 2010. O Grupo ALTER-CNPq conta atualmente com onze membros de diversos estados do Brasil (Rio Grande do Sul,<sup>1</sup> Paraná,<sup>2</sup> São Paulo,<sup>3</sup> Mato Grosso do Sul,<sup>4</sup> Ceará<sup>5</sup> e Paraíba<sup>6</sup>), dentre os quais seis são do Sudeste e

- 
1. Ana Maria Guimarães (UFRGS).
  2. Vera Lúcia Lopes Cristovão (UEL).
  3. Eliane Gouvêa Lousada (USP), Luzia Bueno (USF), Ermelinda Barricelli (USF), Anise d'Orange Ferreira (UNESP - Araraquara), Lília Santos Abreu Tardelli (UNESP – São José do Rio Preto), Anderson Carnin (UNICAMP).
  4. Adair Gonçalves (UFGD).
  5. Eulália Fraga Leurquin (UFC).
  6. Regina Celi Mendes Pereira (UFPB).

estão no estado de São Paulo, representados nas seguintes universidades: Universidade de São Paulo (USP), Universidade do Estado de São Paulo (UNESP – Araraquara e São José do Rio Preto), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade São Francisco (USF). Além disso, há pesquisadores que trabalham com aspectos teórico-metodológicos do ISD em Minas Gerais, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Nesses dois estados do Sudeste e nessas universidades foram e estão sendo formados inúmeros pesquisadores que levam os conceitos teóricos e as metodologias propostas pelo Professor Joaquim Dolz para outras regiões do país. Os grupos de pesquisa, derivados do Grupo ALTER-CNPq, que utilizam e divulgam os trabalhos do Professor Dolz na região Sudeste são: ALTER-AGE (USP), ALTER-FIP (UNESP-São José do Rio Preto) e ALTER-LEGE (USF). O projeto interinstitucional Laboratório Brasileiro de Oralidade, formação e ensino (LABOR), coordenado por pesquisadoras de quatro instituições, sendo duas delas do sudeste (UFJF - Tânia Guedes Magalhães e USF - Luzia Bueno), uma do sul (UENP - Letícia Storto) e uma do nordeste (UPE - Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel), tem se destacado por trabalhar aspectos da oralidade e dos gêneros orais. Tal iniciativa articula diferentes abordagens e perspectivas teóricas às proposições do ISD.

QUADRO 2 – Pesquisadores orientadores em nível de graduação e pós-graduação

Estados do Sudeste	Nomes de orientadores de pesquisa de graduação e pós-graduação na região Sul
São Paulo	Anderson Carnin (UNICAMP) Anise d'Orange Ferreira (UNESP) Eliane Gouvêa Lousada (USP) Emily Caroline da Silva (USP) Ermelinda Barricelli (USF) Juliana Bacan Zani (USF) Lília Santos Abreu-Tardelli (UNESP) Luzia Bueno (UNESP) Rosa Maria Manzoni (UNESP)

Minas Gerais	Juliana Assis (PUC-MG) Maria Angela Paulino (PUC-MG) Simone Dantas-Longhi (UFV) Tânia Guedes Magalhães (UFJF)
--------------	--

Subindo para o Nordeste do país, lembremos de uma homenagem ao professor Joaquim Dolz, sob o título “Panorama das contribuições de Joaquim Dolz para o Nordeste brasileiro”, em que Leurquin questionou: De que forma os estudos de Joaquim Dolz contribuem para a didática do ensino e aprendizagem de língua no nordeste brasileiro? e Como as pesquisas desenvolvidas por ele contribuem para a formação dos nossos professores? Suas contribuições alcançam três eixos: Formação de professores, Ensino e aprendizagem e a Pesquisa. Esses eixos de atuação se encontram em dois cenários: o cenário de políticas públicas e o cenário acadêmico. Essas contribuições se destacam, sobretudo, no âmbito da didatização dos saberes a ensinar, da produção escrita e da oralidade; e estão completamente alinhadas ao quadro epistemológico e teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 1999, 2023).

Quanto à formação de professores da Educação Básica e ao ensino e aprendizagem, os estudos de Dolz são relevantes no Nordeste, em particular, por meio do Mestrado Profissional em Letras (Profletras), pelo resultado positivo que eles proporcionam na sala de aula e pelo fato de o Nordeste ser a região com maior quantidade de polos do Profletras, vinte e três. Desde sua origem, em 2013, o produto apresentado ao final pelos mestrandos é produzido com base em sequências didáticas.

Da mesma forma, destacamos as contribuições desse pesquisador em todas as escolas nordestinas, através do Programa Escrevendo o futuro/ Olimpíada de Língua Portuguesa, cuja orientação dada é utilizar os dispositivos didáticos propostos por Dolz (a sequência didática ou o itinerário).

Quanto ao contexto da pesquisa, com ênfase em grupos de pesquisas, salientamos, na área da Linguística Aplicada, sua reconhecida contribuição para o “Grupo de Estudos e Pesquisa

em Linguística Aplicada (GEPLA)” e para o “Grupo de Pesquisa Tradições Discursivas do Ceará (HISTEL)”, ambos situados na Universidade Federal do Ceará; o grupo de pesquisa “Teorias de linguagem e ensino” e o grupo de pesquisa “Práticas educativas e letramento”, ambos situados na Universidade Federal de Campina Grande; o grupo de pesquisa “Ateliê de Textos Acadêmicos (ATA)” e “Grupo de Estudos em Letramentos, Interação e Trabalho” (GELIT), ambos situados na Universidade Federal da Paraíba; o Grupos de Pesquisa “Tradições Discursivas de Pernambuco (HISTEL)”, situado na Universidade Federal de Pernambuco; o “Grupo de Estudo Alfabetização, Discurso e Aprendizagens (GEADAS)”, situado na Universidade Federal de Sergipe; o “Grupo de Estudos Formação em Linguística (GEFORLIN)”, situado no Instituto Federal do Maranhão. Também registramos pesquisas realizadas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, alinhadas ao Interacionismo Sociodiscursivo, através das contribuições do professor Dolz.

Esses pesquisadores estão distribuídos em diferentes estados da região nordestina do Brasil, conforme podemos observar no quadro que segue:

QUADRO 3 – Pesquisadores divididos por estados

Estados do nordeste	Nomes de orientadores de pesquisa de graduação e pós-graduação na região Nordeste
Bahia	Gabriela Belo da Silva (IFBaiano) Carlos Heric Silva Oliveira (Unilab)
Sergipe	José Ricardo Carvalho da Silva (UFS)
Pernambuco	Fatiha Dechicha Parahyba (UFPE) Ângela Lima (UFAPE) Gustavo Lima (UFAPE)
Paraíba	Regina Celi Mendes Pereira da Silva (UFPB) Laurênia Souto (UFPB) Maria de Fátima Alves (UFCCG) Roziane Marinho (UFCCG) Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo (UFCCG) Fabiana Ramos (UFCCG)

Ceará	Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin (UFC) Fábio Delano Carneiro (UFC) Maria Valdênia Falcão do Nascimento (UFC) Camila Maria Marques Peixoto (Unilab) Lena Lúcia Espíndola Figueiredo (UECE) Meire Celedônio da Silva (IFCE)
Piauí	Larissa Maria Ferreira da Silva Rodrigues (UFPI) Ana Angélica Gondim (UESPI)
Maranhão	Paula Francinetti de Araújo Carvalho (IFMA) Elinaldo da Silva (IEMA) Mônica Fontenelle Carneiro (UFMA)

Os temas de pesquisa que têm sido mais frequentes e que têm maior influência do Professor Dolz são: capacidades de linguagem, dispositivos didáticos, sobretudo a sequência didática e modelo didático de gênero, oralidade e ensino, formação de professores, engenharia didática e obstáculos. Nosso livro está organizado em torno dessas temáticas, começando pela primeira grande contribuição, o conceito de capacidades de linguagem. Como podemos perceber ao longo desse texto, desde a proposição do conceito de capacidades de linguagem por Dolz, Pasquier e Bronckart (1993) e Schneuwly e Dolz (2004[1998]), muitas pesquisas brasileiras têm utilizado esse conceito, tanto para nortear o desenvolvimento de atividades de ensino e de pesquisa quanto como categorias de análise de Sequências Didáticas (SD) e de outros materiais didáticos (ver, dentre outras, Miquelante 2019; Lenharo 2016; Labella-Sánchez 2016; Lanferdini 2012; Stutz 2012; Stutz e Cristovão 2011; Cristovão e Stutz 2011; Beato-Canato 2009; Denardi 2009; Cristovão 2002a ; 2002b; Machado 2001).

Em sua proposta original, já amplamente difundida, as capacidades de linguagem são de três tipos: capacidades de ação (CA), capacidades discursivas (CD) e capacidades linguístico-discursivas (CLD). Alguns estudos, contudo, têm apresentado proposições para a ampliação de suas bases conceituais trazendo novas reflexões para debate (Pontara 2019; Souza e

Stutz 2019; Zani e Bueno 2017; Lenharo 2016; Cacilho 2016; Dolz 2015; Cristovão 2013; Stutz e Cristovão 2011; Cristovão e Stutz 2011; Cristovão *et al.* 2010).

Pioneiros nessa expansão, Cristovão *et al.* (2010) sugerem uma série de critérios para identificação das capacidades de linguagem (CA, CD e CLD). Também no rol de tais contribuições, Cristovão e Stutz (2011), Stutz e Cristovão (2011), Stutz (2012) e Cristovão (2013) destacam as relações entre os gêneros de textos e as dimensões de significações mais amplas que perpassam as atividades praxiológicas/gerais, propondo a inclusão das capacidades de significação (CS), bem como apresentam critérios para sua identificação. Dolz (2015),<sup>7</sup> por sua vez, enfatizando os aspectos multimodais e multissemióticos do uso da linguagem, reconhece as CS e aponta uma quinta capacidade de linguagem, a saber, as capacidades multissemióticas (CMS). A fim de explicitar tal conceito, Lenharo (2016) apresenta uma definição para as CMS e propõe critérios para sua identificação. Paralelamente, enfatizando características específicas das práticas de linguagem do meio digital, Cacilho (2016) propõe as capacidades de linguagem digitais. Por fim, Zani e Bueno (2017), voltadas aos aspectos não linguísticos que permeiam diferentes gêneros de textos orais, propõem as capacidades não-linguísticas.

Para o desenvolvimento das capacidades de linguagem, os pesquisadores genebrinos propuseram um dispositivo didático que tem tido muito sucesso no Brasil: a sequência didática. Na perspectiva da Escola de Genebra, uma sequência didática é um conjunto organizado de atividades planejadas e articuladas, com objetivos claros de ensino e aprendizagem. Elas são desenvolvidas de forma a promover a progressão do conhecimento e das habilidades dos alunos, levando em consideração suas necessidades e contextos específicos. De

---

7. O Prof. Dr. Joaquim Dolz (UNIGE) apresentou a proposta de inclusão das CMS na Palestra “Os cinco grandes desafios da Língua Portuguesa” no Seminário Internacional Escrevendo o Futuro (Olimpíadas Brasileiras de Língua Portuguesa), ocorrido em 22 e 23 de junho de 2015 em São Paulo, SP.

acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), os passos de uma sequência didática, de forma resumida, são: apresentação da situação; primeira produção; módulos; produção final e circulação do gênero. A apresentação da situação é a ocasião em que os alunos conhecerão a proposta sobre o que ocorrerá ao longo das aulas seguintes, oportunidade em que se realiza o levantamento dos conhecimentos prévios dos educandos.

Um ponto marcante na proposta da Escola de Genebra é que, após a apresentação da situação, o passo seguinte é a elaboração, pelos alunos, de uma primeira produção textual, que tem por objetivo traçar um diagnóstico para o professor sobre os conhecimentos prévios do discente sobre o gênero e seus problemas e dificuldades fundamentais. A partir do conhecimento das capacidades dos alunos e também das lacunas, erros e obstáculos, apresentados nessa primeira produção, o professor proporá as etapas seguintes da sequência didática. A ideia é inovadora, especialmente porque o mais comum é o professor partir direto do ensino de novos conteúdos. Depois dessa primeira produção, os módulos serão planejados pela professora ou pelo professor, para que os estudantes potencializem os seus conhecimentos e trabalhem as dificuldades apresentadas na produção inicial, a partir de ferramentas e conhecimentos necessários.

A produção final é a ocasião para os discentes implementarem os conhecimentos obtidos com as atividades e construir o texto em concordância com as particularidades do gênero, e que, preferencialmente, seja seguida da sua circulação, que é a exposição do texto construído de acordo com suas características e mais próximo possível de seu papel social.

No decorrer da prática de leitura e da reescrita, na produção final da sequência didática, é importante acontecer a análise linguística. Essa é uma ferramenta para auxiliar na produção do gênero (Dolz, Noverraz e Schneuwly 2004), objetivando conduzir o discente à reflexão sobre a produção de sentidos dos expedientes linguístico-enunciativos presentes no texto.

Em 2023, Cristovão, Barros e Díaz organizaram o Dossiê: Sequências Didáticas de Gêneros: uma homenagem do grupo de pesquisa Linguagem e Educação (LED) ao Professor Joaquim Dolz, na Revista Entretextos. O volume é composto pelo prefácio do próprio homenageado, um ensaio introdutório dos organizadores, quinze artigos e uma resenha. Em Díaz, Cristovão e Barros (2023, pp. 17) afirmam que a popularidade do procedimento pode ser justificada por cinco traços: “1. Promove um agir docente reflexivo; 2. É adaptável a diversos contextos; 3. Facilita o planejamento das intervenções de ensino; 4. Permite o ensino de diferentes facetas da língua/linguagem(ns), e 5. Visa não apenas ao ensino, mas à aprendizagem.” Além dessa publicação, Magalhães e Cristovão (2023) atualizaram o mapeamento de reconfigurações do esquema de sequência didática por diferentes grupos de pesquisa brasileiros, indicando as alterações sugeridas e expansões propostas.

Vale ressaltar que a produção de uma sequência didática se baseia no modelo didático de gênero (MDG) que indica elementos ensináveis para o contexto didático pretendido na intervenção junto a estudantes. A partir do conceito de Modelo Didático proposto por De Pietro e Schneuwly (2003), Machado e Cristovão (2006) apresentaram uma retrospectiva conceitual e os procedimentos necessários para a construção do MDG.

Neste livro, dentre outras áreas significativas para o ensino de Línguas, mergulhamos na oralidade, explorando sua riqueza e vitalidade no contexto educacional, seguindo os passos do visionário Joaquim Dolz. Em tempos em que a palavra falada é, muitas vezes, subestimada em favor do texto escrito, esse mestre nos lembra da importância fundamental da oralidade no desenvolvimento humano e na construção do conhecimento. Nesse contexto, Joaquim Dolz, com sua paixão incansável pelo ensino da oralidade, e Bernard Schneuwly, com sua abordagem metódica e perspicaz, tornaram-se referências incontestáveis no campo da educação linguística. Juntos, eles abriram caminho para uma compreensão mais profunda do papel que a expressão oral desempenha no processo de aprendizagem. Ao longo destas páginas, exploraremos não apenas os conceitos fundamentais

que Dolz e Schneuwly nos legaram, mas também os impactos práticos de suas teorias.

Apesar de os textos oficiais afirmarem claramente que o oral constitui um dos eixos para o ensino de línguas, Dolz e Schneuwly (em colaboração com Sylvie Haller) (2004, pp. 125), há mais de vinte anos, já denunciavam que, embora bastante presente nas salas de aula, em rotinas cotidianas, leitura de instruções, correções de exercícios etc., a linguagem oral não é ensinada, a não ser incidentalmente.

Importante mencionar que, conforme aprendemos com nosso mestre e como leremos em alguns capítulos deste livro, quando enfocamos gêneros orais, é necessária a análise de aspectos para além do conteúdo verbal. Em apresentações orais, como discursos, palestras, entrevistas, seminários, debates, podcasts, dentre outros, além do conteúdo temático, estão envolvidos os “modos de falar” e de significar de forma integrada, constituindo o sentido.

Os aspectos não linguísticos da oralidade, como as expressões faciais e corporais, o tom de voz, a entonação, a dicção, os gestos, além dos aspectos do ambiente, como som, iluminação, ou uso de recursos, como microfone, slide etc. constituem esses “variados modos” de construção de um texto oral. Em outras palavras, como bem defendem Dolz, Schneuwly e Haller (2004, pp. 160):

a comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios linguísticos ou prosódicos; vai utilizar também signos de sistemas semióticos não linguísticos, desde que codificados, isto é, convencionalmente reconhecidos como significantes ou sinais de uma atitude. É assim que mímicas faciais, posturas, olhares, a gestualidade do corpo ao longo da interação comunicativa vem confirmar ou invalidar a codificação linguística e/ou prosódica e mesmo, às vezes, substituí-la. Essa comunicação não verbal pode também trair o falante, quando este deixa escapar índices

involuntários de uma emoção, seja ela perceptível ou não, linguística e prosodicamente.

O trabalho com esses elementos na escola deve estar presente desde o planejamento do professor, passando pelas produções dos estudantes, que envolvem várias etapas, chegando à avaliação das produções desenvolvidas. Para agir em situações que envolvem a modalidade falada, é preciso que os estudantes compreendam que a fala pública, especialmente as mais formais, demandam o conhecimento e a habilidade de uso de aspectos interacionais de diversos elementos significativos, como leitura oral fluente de trechos, consulta a roteiros, comportamentos cinésicos e vestimenta adequados, controle do tempo, interação com os ouvintes e demais apresentadores, uso de elementos de coesão da fala para revezamento do turno de fala, durante a apresentação, boa articulação entre fala e slides que o apresentador utiliza em suas apresentações orais. Essas questões envolvem conhecimentos técnicos, (auto)consciência, elaboração e monitoramento de questões de estilo, que devem ser sistematicamente e frequentemente trabalhados na escola.

A oralidade é, assim, mais uma das temáticas abordadas por Joaquim Dolz que têm estreita relação com a sala de aula e com a formação docente. Conforme já assumem Leurquin, Coutinho e Riestra (2022, pp. 5), na apresentação do volume 2 da Revista de Letras nº 41, da Universidade Federal do Ceará, na edição especial que homenageia o professor Joaquim Dolz,

Nesse contexto complexo e conflituoso que é a sala de aula, outra ação professoral se destaca, a seleção dos dispositivos didáticos, capazes de contribuir no enfrentamento de situações problemáticas de ensino e aprendizagem e de formação de professores autônomos, parece ser um dos maiores desafios atualmente.

É justamente nesse espaço de fala, do desafiar para entender os obstáculos (Dolz, Silva-Hardmeyer e Couchepin

2017) e propor dispositivos para o enfrentamento deles, que as maiores contribuições do professor Joaquim Dolz no Brasil, em particular no contexto da *formação inicial e continuada de professores*, se destacam. Trazer esse tema para essa discussão é também nos deparar com a necessidade de refletir sobre política para formação inicial e continuada de professores e, conseqüentemente, sobre o tão importante dueto teoria e prática; saberes a ensinar e didatização desses saberes; sala de aula da universidade e sala de aula da Educação Básica. Todo esse movimento está prefigurado, de alguma forma, em resultados de pesquisas que vêm consolidando grupos de estudos em território nacional, como no Gepla (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada), Alter (Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações) e Led (Linguagem e Educação), por exemplo.

É nessa direção que estamos situadas e é com base nessa compreensão que delimitamos nossas reflexões para enfatizarmos as contribuições desse pesquisador, em dois grandes programas nacionais que marcam seus passos no Brasil e, por consequência, fazem sobressair desdobramentos em sala de aula de formação de professores que, diretamente ou não, respingam, em forma de gestos professorais, na sala de aula da Educação Básica: o Programa “Olimpíada de Língua Portuguesa: Escrevendo o Futuro” e o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Com a primeira ação, podemos dizer que o professor Dolz atua enfaticamente na formação de professores há vinte e quatro anos e no PROFLETRAS, há mais de dez anos. Suas ações ficaram marcadamente acentuadas no encontro que aconteceu em 2000 com Sônia Madi, quando discutiram sobre dispositivos que poderiam melhorar as capacidades de linguagem dos estudantes brasileiros.

Mas, é importante dizer que delimitar nossas reflexões à formação continuada não implica em desconsiderar suas contribuições no espaço da formação inicial, em particular nas disciplinas de estágio docente no Curso de Letras e de Pedagogia. Tal procedimento apenas reforça um traçar oficial que o pesquisador vem desenhando, fio condutor dessa reflexão.

Nesse sentido, precisamos destacar o tom de nossa parceria com o autor da escola genebrina de gêneros de texto, na perspectiva da Didática de Línguas. Trata-se de uma parceria marcada por releituras de suas propostas, de adaptações a nossa realidade da cultura do ensinar e da cultura do aprender, considerando as condições de trabalho do professor e a nossa realidade política, social e educacional.

É tomando como referência seus estudos que, de forma adequada ao nosso contexto nacional, grupos de pesquisas apresentam diversas proposições de intervenção na sala de aula de formação de professores para o ensino de línguas, com base no Interacionismo Sociodiscursivo, como é o caso da proposta de formação de professor em serviço (ver capítulo de Leurquin, Peixoto e Filha, neste volume).

As contribuições do professor Dolz na formação continuada, por intermédio do PROFLETRAS é muito expressiva. Fazem parte deste programa de formação continuada professores da Educação Básica. O foco é o nível de pós-graduação *stricto sensu*, e seus impactos na sala de aula são percebidos no cotidiano da escola e nas publicações feitas no contexto acadêmico, pois elas registram resultados de pesquisas desenvolvidas na sala de aula do próprio professor em formação. O PROFLETRAS, funciona em quarenta e oito universidades públicas, estando presente em todas as regiões brasileiras, com cinco sedes no Centro Oeste, vinte e três no Nordeste, cinco no Norte, onze no Sudeste e cinco no Sul.

Considerando que esse mestrado profissional começou em 2013; que a orientação para a metodologia de pesquisa desde sua origem é apresentar resultados de uma reflexão teórica e prática sobre determinado problema relacionado ao ensino de língua portuguesa e que para isso ainda são utilizados os dispositivos sequência didática e, ultimamente, itinerário didático, já podemos ter uma dimensão do alcance e contribuições do nosso homenageado nas discussões sobre a formação de professores. Os dados mais atualizados mostram

que, em dez anos, o PROFLETRAS tituló mais de quatro mil professores.<sup>8</sup>

Ao reconhecer os trabalhos desenvolvidos no âmbito da formação de professores e o fato de que desde a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil 2017, 2018a), um dos pilares para a formação de professores é a Base Nacional Comum para a formação do professor (Brasil 2018b) e que este documento apresenta três eixos: conhecimento, prática e engajamento e tem o objetivo de “melhorar a qualidade do ensino oferecido aos estudantes ao mesmo tempo em que valoriza o professor” (Brasil 2018b), é possível acreditar no alinhamento dos estudos desenvolvidos por nosso homenageado com o referido documento. Isso apenas nos permite dizer que a sua história com a educação brasileira ainda pode ter um longo caminho a fazer.

Esse caminho tem sido marcado pelas pesquisas desenvolvidas e pelos conceitos propostos por ele para a Didática das Línguas, compondo o que ele mesmo chama de Engenharia Didática (Dolz 2016). Tendo sua origem na Didática da Matemática, a Engenharia Didática procura conceber, realizar, observar e analisar as situações didáticas (Artigue 1996). Para a autora (Artigue 1996), esse processo demanda uma metodologia de investigação científica, articulando pesquisa e ação sobre o sistema didático. É precisamente nesse sentido que Joaquim Dolz tem realizado seus estudos, estabelecendo uma relação muito próxima entre ensino e pesquisa.

Dessa forma, Joaquim Dolz (2016, pp. 243) traz essa discussão para o âmbito da Didática das Línguas e destaca quatro fases da Engenharia Didática: i) na primeira fase, analisa-se previamente o trabalho de concepção, determinando as características do objeto de ensino. No caso de um gênero textual, deve-se conhecer as características e potencialidades

---

8. Para maiores informações, visitar o site do PROFLETRAS nacional: <https://profletras.ufrn.br/noticias/57759319/profletras-titulou-mais-de-quatro-mil-mestres-em-dez-anos>.

desse gênero. Também é necessário conhecer as capacidades de linguagem que o aluno já desenvolveu, bem como os obstáculos à produção do gênero; ii) a segunda fase envolve a concepção de um protótipo do dispositivo didático, de forma a prever as tarefas que poderão ser realizadas. Nesse momento, é prevista uma produção inicial, para detectar os obstáculos dos alunos, uma série de oficinas e atividades com o objetivo de superar esses obstáculos, e uma produção final para poder avaliar o impacto do dispositivo didático no desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos; iii) na terceira fase, o dispositivo didático é submetido à experimentação: ele é implementado por um professor para que se possa ajustar as atividades ao contexto dos alunos, ou ele é diretamente utilizado por um grupo maior de professores; iv) a quarta fase consiste na análise posterior dos resultados obtidos, de forma a comparar o que havia sido antecipado e previsto com o que de fato ocorreu. Nesse momento, faz-se um balanço do dispositivo, ressaltando seus pontos fortes e seus limites.

A realização de pesquisas com base na Engenharia Didática levantou uma outra questão essencial para o estudo sobre o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos: a necessidade de conhecer antecipadamente seus obstáculos e de verificar, após a implementação, se eles os superaram. Foi com esse objetivo que Joaquim Dolz iniciou um trabalho de reflexão sobre os obstáculos no ensino de línguas. Partindo inicialmente da origem do questionamento, ou seja, a obra de Gaston Bachelard (1934) sobre a formação do espírito científico, e passando por autores que também fazem parte do campo da Didática da Matemática, tais como Guy Brousseau (2003), Dolz propôs uma reinterpretação do conceito de obstáculos.

Assim, abordando conceitos como “obstáculo epistemológico”, “obstáculo ontogênico” e “obstáculo didático”, propostos por Brousseau (2003), que os diferencia da noção de “dificuldade”, Dolz propõe, juntamente com outros autores (Dolz, Gagnon e Vuillet 2016), considerar os obstáculos como um recurso, uma alavanca, um impulsionador da aprendizagem,

contribuindo para a superação das dificuldades. Nesse ponto, ele se diferencia de Bachelard (1934), que vê os obstáculos como entraves para o conhecimento científico. Observemos que, para Brousseau (2003), o obstáculo é fruto de um conhecimento inapropriado, compartilhado por vários actantes, que deve ser desconstruído para que sejam construídos os conhecimentos científicos da matemática. Assim, os obstáculos resultam do conhecimento, válido em certos domínios e situações, mas não em todos e, portanto, não revelam um desconhecimento: eles têm um valor positivo na construção de saberes. Porém, em se tratando do ensino de línguas fundamentado em uma abordagem vigotskiana, Dolz (2022) insiste na potencialidade da compreensão dos obstáculos para sua superação: aprende-se com e contra os obstáculos, eles são uma força que incita à aprendizagem. Nesse sentido, os obstáculos são “catalisadores úteis e utilizáveis” (Dolz 2022, pp. 300) no campo da didática das línguas. Assim, vendo-os como indicadores das dificuldades dos alunos e com potencial para impulsionar a aprendizagem, já que instauram uma tensão entre os conhecimentos adquiridos e os novos, Dolz (2022) insere a noção de obstáculo em uma perspectiva embasada nos estudos vigotskianos sobre o desenvolvimento das pessoas. Tanto a engenharia didática quanto os obstáculos são duas noções bastante profícuas, que tiveram sua origem na Didática das Matemáticas, mas que podem enriquecer o campo de pesquisas sobre a Didática das Línguas.

Vejam, agora, como os temas e conceitos desenvolvidos por Joaquim Dolz servem de base para os trabalhos apresentados nesta obra. Em nossa coletânea, três capítulos exploram o conceito de capacidades de linguagem.

No capítulo *Capacidades Multissemióticas: uma expansão do conceito de Capacidades de Linguagem*, Lenharo e Cristovão contribuem para a expansão do conceito de capacidades de linguagem (CL), conceituando capacidades multissemióticas (CMS), inicialmente propostas por Dolz (2015). No capítulo, as autoras retomam as definições amplamente conhecidas de capacidades de ação, discursivas, linguístico-discursivas

(REF), capacidades de significação (Cristovão e Stutz 2011) e conceituam o termo capacidades multissemióticas já apresentando seus descritores. Na sequência, descrevem o plano global de uma sequência didática e classificam suas propostas de atividades em seu potencial para o desenvolvimento das CL, com foco na discussão das CMS. As pesquisadoras defendem a relevância de se explorar semioses diversas nas práticas didáticas, não limitando o ensino somente ao texto verbal.

Raquel Franciscatti dos Reis e Maria Ilza Zirondi, no capítulo *Capacidade de imitação no ensino de inglês para crianças: uma proposta de ampliação das capacidades de linguagem*, apresentam uma proposta de categorias para as *Capacidades de Linguagem* (Dolz, Noverraz e Schneuwly 2004[2011]; Dolz, Pasquier e Bronckart 1993; Cristovão e Stutz 2011; Dolz 2015): a *Capacidade de Imitação* (Reis 2018). Para isso, as autoras contextualizam o ensino de língua inglesa na Educação infantil por meio do gênero textual história infantil. A experiência acontece no Centro de Educação Infantil para crianças entre cinco e seis anos em uma universidade estadual e tem como referência teórica o Interacionismo Sociodiscursivo, para questões relacionadas ao gênero e a sua didatização; bem como a orientação documental a BNCC (Brasil 2018a).

Em relação ao tema gêneros no ensino, no capítulo *O trabalho com sequências didáticas do gênero notícia: uma proposta de trabalho significativa com o texto em sala de aula*, Moretto, Soares e Murraer analisam uma prática didática do ensino de escrita com alunos do 4º ano da Educação Fundamental. Essa análise parte do pressuposto do professor-pesquisador e autor de suas propostas didáticas, papéis construídos em espaço colaborativo, dialógico, interativo e responsivo de formação continuada na escola. O objetivo foi “buscamos analisar as capacidades de linguagem que foram desenvolvidas por um estudante do 4º ano do ensino fundamental a partir de sua produção inicial e final, resultado de uma sequência didática realizada do gênero Notícia”. A apresentação dos resultados de análise revela capacidades de linguagem já apropriadas na primeira produção, mas aperfeiçoadas para a última. As

pesquisadoras atribuem ao instrumento sequência didática o propiciador do espaço de diálogo e de uso real da língua na aprendizagem, valorizando a experiência escolar como “espaço de preparação para a vida”.

Sobre modelos didáticos de gêneros e sequências didáticas, temos 10 capítulos. No capítulo denominado *Ensino de gêneros textuais na licenciatura em Letras: um projeto de classe para a escrita, a oralidade e a docência*, Lília Santos Abreu-Tardelli da UNESP apresenta um projeto elaborado e aprimorado ao longo dos anos na disciplina de Prática de Leitura e Produção Textual II. O projeto tem como objetivo propiciar práticas de gêneros escritos e orais que possibilitam o desenvolvimento dos discentes como autores e como professores, abordando desde o ensino da produção escrita de gêneros acadêmicos até a criação de espaços de discussão sobre avaliação de textos. Através de reflexões sobre o processo de escrita do artigo científico e o envolvimento dos alunos, o projeto visa proporcionar formação aos discentes para sua atuação como professores de língua portuguesa, destacando o papel central do artigo científico como megainstrumento de desenvolvimento e articulador de pesquisa e ensino-aprendizagem.

Em seu capítulo *Proposta de análise de gênero em Libras para ouvintes: entrevista com especialista*, Girlaine Felisberto de Caldas Aguiar, Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo, Shirley Barbosa das Neves Porto objetivam descrever as características de um exemplar de entrevista com especialista, no quadro do ensino de Libras para ouvintes. O capítulo representa, assim, uma intenção dos autores em sistematizar o ensino de Libras para ouvintes, na universidade, “considerando o que ensinar, como ensinar, para que ensinar, tendo em vista uma construção didática consistente de desenvolvimento de capacidades de linguagem”. Nessa perspectiva, o capítulo se alinha a um contexto mais amplo de investigação, no qual as autoras procuram “compreender o funcionamento e a organização dos gêneros textuais em vários níveis de conhecimento da Libras, bem como os processos de

ensino-aprendizagem da Libras na perspectiva da produção e circulação dos gêneros textuais”.

O capítulo *Modelização do Gênero Redação do ENEM*, de autoria de Rosana Souza de Vargas e Luciane Sturm, propõe a construção de um Modelo Didático de Gênero (MDG) para a Redação do ENEM, destacando sua importância no ensino de Língua Portuguesa e Redação no Ensino Médio. A proposta visa auxiliar os professores na compreensão e apropriação desse gênero, assim como no planejamento de sequências didáticas para sua didatização. Partindo da premissa de que o domínio do professor sobre o ensinável é fundamental para o desenvolvimento de habilidades críticas de escrita nos alunos, o MDG busca fornecer uma estrutura sólida para ampliar as capacidades de linguagem e argumentação dos jovens. A partir da caracterização do gênero Redação do ENEM, o texto apresenta uma análise minuciosa das dimensões ensináveis, como temas, procedimentos composicionais e recursos linguísticos, com o objetivo de promover o desenvolvimento linguístico, social e cultural dos estudantes.

Eliana Merlin Deganutti de Barros e Irene Sampaio, no capítulo *Da sequência didática clássica à sequência de leitura de gêneros*, expõem a ferramenta didática sequência de leitura de gêneros, adaptada da proposta de sequência didática de gêneros, segundo a escola genebrina de Didática de línguas. Elas constatarem que a primeira alternativa dá conta do ensino da escrita, enquanto a segunda focaliza o ensino da leitura de texto literário. A proposta tem como exemplo o gênero de texto conto de mistério. As autoras descrevem a sequência didática de gênero como base de suas reflexões e a proposta que apresentam como uma possibilidade de adaptação para a atividade de leitura. A descrição é feita, pontuando as aproximações e distanciamentos entre ambas as propostas.

As contribuições de Maria Izabel Rodrigues Tognato, Marcia Cristina Aquino de Paula e Lídia Stutz, no capítulo *Sequência didática do gênero artigo de opinião: o ensino da leitura e escrita no Ensino Médio*, mostram uma reflexão sobre

uma sequência didática com foco no gênero textual artigo de opinião. A ênfase do texto está na sala de aula do ensino de leitura e escrita. Compunha a sequência didática descrita sessenta e quatro atividades, com três módulos. Para as suas reflexões, as autoras destacam as atividades de autoavaliação, dentro de uma realidade de um estudo de abordagem qualitativo-interpretativista (Bortoni-Ricardo 2008; Divan e Oliveira 2008). A coleta e a geração de dados enfatizaram as produções textuais de artigo de opinião, produzidas pelos alunos. As autoras ressaltam a necessidade de contemplar os processos socioculturais constitutivos desta formação humana e social.

O capítulo *Do cinema às notícias: a elaboração de dispositivos didáticos para desenvolver a produção escrita em FLE*, escrito por Juliana de Oliveira Gimenez, Aline Diaz Reato e Eliane Gouvêa Lousada, apresenta resultados de duas pesquisas de mestrado em andamento. Ressalta uma experiência didática de produção de textos escritos em língua francesa, tendo como referência o ensino da escrita. Os dados foram gerados em um curso de extensão ministrado *online* (“Atelier de compreensão oral e escrita nível 5”) e retratam resultados de duas pesquisas de mestrado em andamento. As autoras propõem dispositivos didáticos para o ensino dos gêneros a crítica de cinema e o *fait divers*. Apoiam-se nos estudos sobre modelo didático, considerando quatro fontes de dados: as práticas sociais, a literatura específica sobre o gênero, sua pertinência e as práticas escolares e com base nisso elaboram as sequências didáticas. No capítulo, as autoras abordam, também, a metodologia da engenharia didática e o conceito de obstáculos de aprendizagem.

No capítulo *Sequências didáticas e gêneros textuais na educação linguística em línguas adicionais para crianças*, Juliana Reichert Assunção Tonelli e Otto Henrique Silva Ferreira mostram as contribuições do grupo de pesquisa FELICE (CNPq) no ‘ensino de inglês’ como língua adicional na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) com base em gêneros. Os autores ressaltam o papel dos gêneros de textos e do dispositivo sequência didática como “organizadores” para

o ensino de línguas para crianças. Para tanto, são apresentadas algumas das pesquisas do grupo FELICE em nível de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, e suas contribuições para o ensino do inglês nesse contexto.

Fabiana Ramos, Maria de Fátima Alves e Danielly Dayane Soares de Macêdo, no capítulo *A Sequência Didática de Gêneros e as Finalidades do Ensino de Língua*, propõem-se a analisar uma sequência didática produzida por uma aluna em formação docente inicial atende às finalidades do ensino de língua, ao explorar o gênero conto de assombração no ensino da língua materna, visando ao letramento literário dos alunos. A sequência didática foi produzida para uma disciplina na qual são abordadas “noções como texto e textualidade, o conceito de gêneros textuais e de sequência didática, assim como as especificidades do trabalho com a leitura, oralidade, produção escrita e análise linguística”. A análise procurou evidenciar como a sequência didática elaborada contribui para a construção de capacidades nos níveis linguístico, textual e discursivo pelos alunos.

O capítulo *Das pedras no meio do caminho à construção de saberes: bastidores de uma pesquisa-ação com sequência didática para práticas de letramento científico no Ensino Médio*, escrito por Guilherme Moés e Regina Celi Mendes Pereira, oferece uma reflexão sobre os desafios enfrentados durante a implementação de uma pesquisa-ação voltada para o desenvolvimento de práticas de letramento científico em uma turma do segundo ano do Ensino Médio. O foco está na apropriação dessas práticas pelos alunos, através de uma Sequência Didática (SD) para a produção de Artigos de Divulgação Científica (ADC). O texto busca problematizar as concepções prévias sobre letramento científico no Ensino Médio, avaliar sua percepção no contexto escolar e discutir formas de promover essa apropriação pelos alunos, utilizando-se do referencial teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

O capítulo *A escrita de minicontos: uma proposta para o desenvolvimento do aluno e do professor*, de Kátia Diolina e Luzia

Bueno, ambas orientadas na pós-graduação pela professora Anna Rachel Machado, como elas destacam com orgulho, apresenta uma proposta de ensino e aprendizagem do gênero textual miniconto, desenvolvida em 2021 com alunos do 9º ano da rede pública municipal no interior paulista, sob influência do Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart e Schneuwly, com destaque para as contribuições do professor Joaquim Dolz. O projeto, intitulado “Poucas palavras para muito dizer”, realizado na disciplina de Práticas de Leitura e Produção de Texto, proporcionou aos alunos a experiência de explorar a estrutura curta do miniconto, incentivando a participação ativa do leitor na composição da narrativa. A partir desse contexto, o trabalho demonstra como as propostas de ensino baseadas no ISD têm possibilitado o desenvolvimento dos alunos e dos professores, ampliando as práticas de ensino da língua portuguesa e promovendo uma formação mais crítica e transformadora.

Outro tema amplamente trabalhado pelo professor Joaquim Dolz é o ensino de gêneros orais. O capítulo *O gênero seminário como avaliação de conteúdo (e a oralidade não avaliada)*, de Castro, Magalhães e Silva tem como objetivo “analisar os critérios da avaliação do gênero seminário usados por docentes universitários de uma universidade pública”. O texto apresenta os elementos constitutivos do gênero seminário e analisa os elementos de avaliação adotados por seis docentes de graduação, retomando a importância de que as práticas avaliativas superem a análise apenas do conteúdo do seminário em contexto de letramento acadêmico.

O capítulo *Formação inicial de professores de línguas: contribuições de Joaquim Dolz*, de Leurquin, Peixoto e Filha tem como objetivo “discutir a formação inicial do professor de língua portuguesa, ressaltando o repertório didático e o agir em sala de aula de estágio”. No texto, os autores discutem documentos oficiais, em especial, a BNCC de Formação e defendem o estágio como lócus fundamental para a aprendizagem de saberes a ensinar e para ensinar e o desenvolvimento do agir professoral. O modelo defendido para a formação no Curso de Letras é Formação de Professor em Serviço (FORPROS),

utilizado para a regência. Os dados apresentados referem-se ao período da pandemia, no qual foram abordados vídeos, tanto pelos professores formadores quanto pelos estagiários, para promover a didatização de conteúdos para o ensino de língua portuguesa.

No capítulo *Formação de professores e engenharia didática: perspectivas e possibilidades na formação inicial*, Carlos Héric Silva Oliveira, Lídia Amélia de Barros Cardoso e Maria Valdênia Falcão do Nascimento abordam as implicações da engenharia didática na formação de professores, especialmente no contexto do Programa Residência Pedagógica de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Língua Espanhola. Os autores discutem como a Engenharia Didática pode promover uma aprendizagem significativa por meio de projetos de intervenção didática, baseados na análise das dificuldades encontradas em sala de aula. Ao refletirem sobre o papel do “engenheiro didático”, destacam a importância de uma formação que considere a realidade da sala de aula e promova uma postura investigativa nos futuros docentes. Suas contribuições apontam para a relevância da engenharia didática na formação inicial de professores, visando à concepção de projetos e à inovação didática na prática docente, além de fornecerem bases para pesquisas futuras sobre o tema.

No capítulo *A Règle du Sept no contexto de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil: algumas reflexões*, de Parahyba, Silva e Carneiro, o objetivo é abordar questão de ensino e aprendizagem de línguas à luz dos sete princípios da sociodidática de línguas, proposta por nosso homenageado, para o contexto brasileiro de ensino bilíngue. A fim de tratarem desse tópico, retomam elementos históricos do bilinguismo, expõem os princípios da “regra do sete” que, por fim, são discutidos na relação com as competências propostas pela BNCC (Brasil 2018a). Em seu cotejamento, os pesquisadores encontram pontos de contato, apesar das diversidades nos contextos de ensino e aprendizagem.

Em suma, esta coletânea busca reunir trabalhos realizados por pesquisadores de variadas regiões do Brasil que tomam por base, exploram e ampliam conceitos e temáticas desenvolvidos pelo Professor Joaquim Dolz e que tanto influenciaram os estudos desenvolvidos no Brasil. Dessa forma, procuramos fazer uma homenagem a este incansável pesquisador que nunca poupou esforços para contribuir com a educação brasileira e que tem, portanto, uma importância ímpar na pesquisa acadêmica em nosso país. Que estas páginas sirvam como um tributo às suas ações visionárias e como um convite para todos nós a nos reconectarmos com a beleza e a importância da língua oral.

*Os organizadores*

### *Referências*

- ARTIGUE, M. (1996). “Engenharia Didática”, in: BRUN, J. *Didática das Matemáticas*. Tradução Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 193-217.
- BACHELARD, G. (1934). *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: Librairie philosophique.
- BEATO-CANATO, A. P. M. (2009). *O desenvolvimento da escrita em língua inglesa com o uso de sequências didáticas contextualizadas em um projeto de troca de correspondências*. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem. Londrina: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (2008). *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola.
- BRASIL (2017). *Parecer CNE/CP nº 15, de 15 de dezembro de 2017*. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/CNE.

- BRASIL. (2018). *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC.
- BRASIL (2019). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica*. Brasília MEC/CNE.
- BRONCKART, J. P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ.
- BRONCKART, J. P. (2007). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. 2ª ed. São Paulo: Educ.
- BRONCKART, J. P. (2023). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. 2ª ed., revista e corrigida. Tradução Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin, Fábio Delano Vidal Carneiro, Celso Fraga da Fonseca, Fatiha Dechicha Parahyba, Juliana Alves Assis, Larissa Maria Ferreira da Silva Rodrigues, Lena Lúcia Espindola Rodrigues Figueredo. Fortaleza: Parole.
- BROUSSEAU, G. (2003). *Erreurs, difficultés, obstacles*. Document de travail non publié.
- CACILHO, M. A. (2016). *Gêneros digitais no ensino de língua portuguesa: análise de material apostilado*. Dissertação de Mestrado em Letras. Santa Cruz: Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste.
- CRISTOVÃO, V. L. L. (2002a). *Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação de material didático*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- CRISTOVÃO, V. L. L. (2002b). “Modelo didático de gêneros como instrumento para formação de professores”, in: MEURER, J. L. e MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: Edusc, pp. 31-73.
- CRISTOVÃO, V. L. L. (2013). “Para uma expansão do conceito de capacidades de linguagem”, in: BUENO, L.; LOPES, M. A. P. T. e CRISTOVÃO, V. L. L. (orgs.) *Gêneros textuais e formação inicial: uma homenagem à Malu Matencio*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 357-383.
- CRISTOVÃO, V. L. L. (2023). “O Prof. Dr. Joaquim Dolz na região sul.” Palestra. Evento: *A Sala de Aula de Línguas como Local de Investigação*. Brasília, UNB.
- CRISTOVÃO, V. L. L. et al. (2010). “Uma proposta de planejamento de ensino de língua inglesa em torno de gêneros textuais.” *Letras*, nº 40, pp. 191-215. [S. l.].
- CRISTOVÃO, V. L. L.; BARROS, E. M. D. e DÍAZ, D. (2023). “Sequências didáticas de gêneros: uma homenagem do grupo de pesquisa Linguagem e Educação (LED) ao professor Joaquim Dolz.” *Entretextos*, vol. 23, nº especial. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/issue/view/1898>. Acesso em: 10/06/2024.
- CRISTOVÃO, V. L. L. e STUTZ, L. (2011). “Sequências didáticas: semelhanças e especificidades no contexto francófono como L1 e no contexto brasileiro como LE”, in: SZUNDY, P. T. C. et al. (orgs.) *Linguística Aplicada e Sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro*, vol. 1. Campinas: Pontes, pp. 17-40.
- DENARDI, D. A. C. (2009). *Flying together towards EFL teacher development as language learners and professionals through genre writing*. Tese de Doutorado em Letras. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina.

- DE PIETRO, J-F. e SCHNEUWLY, B. (2003). “Le modèle didactique du genre: un concept de l’ingénierie didactique.” *Recherches en didactiques*, nº 3, pp. 27-52.
- DÍAZ, D.; CRISTOVÃO, V. L. L. e BARROS, E. M. D. (2023). “Características do procedimento Sequência Didática de Gêneros e sua recepção entre docentes de línguas e pesquisadores: Ensaio introdutório ao dossiê Sequências Didáticas de Gêneros: uma homenagem do grupo de pesquisa Linguagem e Educação (LED) ao Professor Joaquim Dolz.” *Entretextos*, vol. 23, nº especial, pp. 12-33. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/47883>. Acesso em: 10/06/2024.
- DIVAN, L. M. F. e OLIVEIRA, R. P. (2008). “A pesquisa qualitativa e o paradigma da ciência pós-moderna: uma reflexão epistemológica e metodológica sobre o fazer científico.” *Gragoatá*, nº 25, pp. 185-202. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33149>. Acesso em: 10/06/2024.
- DOLZ, J. (2015). *Seminário 2015 – Palestra Prof. Joaquim Dolz (1/3)*. [S. l.]. 1 vídeo (53min). Publicado pelo canal Programa Escrevendo o Futuro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K68WLhIcSrc>. Acesso em: 10/06/2024.
- DOLZ, J. (2016). As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. *DELTA.*, vol. 32, nº 1, pp. 237-260. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/26773>. Acesso em: 10/06/2024.
- DOLZ, J. (2022). “L’obstacle dans l’enseignement des langues: conceptualisation et opérationnalisation didactique”, in: BALSLEV, K. et al. (orgs.) *Les obstacles dans l’enseignement des langues et dans la formation des enseignants*. Limoges: Lambert Lucas, pp. 299-310.
- DOLZ, J.; GAGNON, R. e VUILLET, Y. (2016). “L’analyse des obstacles comme source de dépassement des difficultés

en production écrite.” *Recherches en didactique des langues et des cultures*, vol. 13, nº 3. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rdlc/1234>. Acesso em: 10/06/2024.

- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M. e SCHNEUWLY, B. (2004). “Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento”, in: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. (orgs.) *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, pp. 95-128.
- DOLZ, J.; PASQUIER, A. e BRONCKART, J. P. (2017). “A aquisição do discurso: emergência de uma competência ou aprendizagem de diferentes capacidades de linguagem?” *Nonada: Letras em Revista*, vol. 1, nº 28, pp. 156-173.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e HALLER, S. (2004). “O oral como texto: como construir um objeto de ensino”, in: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. et al. (orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, pp. 149-214.
- DOLZ, J.; SILVA-HARDMEYER, C. e COUCHEPIN, C. T. (2017). “Os obstáculos de aprendizagens e as intervenções do professor em uma sequência didática sobre o gênero resposta a carta do leitor.” *NUPEM*, vol. 9, nº 16, pp. 71-86. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5516>. Acesso em: 10/06/2024.
- LABELLA-SÁNCHEZ, N. (2016). *Análise de necessidades e gêneros de texto para o planejamento de material didático de espanhol para fins específicos: o curso Técnico em Transações Imobiliárias* Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5247>. Acesso em: 10/06/2024.

- LANFERDINI, P. A. F. (2012). *O trabalho (agir) docente no processo coletivo de planejamento e elaboração de uma Sequência Didática para o ensino de Língua Inglesa*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Londrina: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.
- LENHARO, R. I. (2016). *Participação social por meio da música e da aprendizagem de língua inglesa em um contexto de vulnerabilidade social*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Londrina: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.
- LEURQUIN, E. V. L. F.; COUTINHO, M. A. e RIESTRA, D. (2022). “Ensino, aprendizagem e formação de professores de línguas: uma homenagem a Joaquim Dolz.” *Revista de Letras*, nº 41, vol. (2), pp. 05-08, jul/dez. Disponível em <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/83193/227516>. Acesso em: 17/05/2024.
- MACHADO, A. R. (2001). “Um instrumento de avaliação de material didático com base nas capacidades de linguagem a serem desenvolvidas no aprendizado de produção textual.” *Intercâmbio*, vol. x, pp. 137-147.
- MACHADO, A. R. e CRISTOVÃO, V. L. L. (2006). “A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros.” *Linguagem em (Dis)curso*, vol. 6, nº 3, pp. 547-573. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/construcao\\_modelos\\_didaticos\\_generos.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/construcao_modelos_didaticos_generos.pdf). Acesso em: 10/06/2024.
- MAGALHÃES, T. G. e CRISTOVÃO, V. L. L. (2023). “As diferentes configurações de sequência didática: do esquema original ao expandido no Brasil.” *Raído*, vol. 17, nº 44, pp. 83-106. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/17104>. Acesso em: 10/06/2024.
- MIQUELANTE, M. A. (2019). *Saberes necessários à formação docente: articulação desafiadora a partir de sequência*

*de formação, de ensino e didática como instrumentos mediadores.* Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem. Londrina: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.

PONTARA, C. L. (2019). “Produção de sequência didática com base no gênero infográfico em língua inglesa: um olhar para o processo de transposição didática.” *Entretextos*, vol. 19, nº 1, pp. 241-284. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/37044>. Acesso em: 10/06/2024.

REIS, R. F. dos. (2018). *Sequência didática do gênero história infantil em Inglês para crianças como promotora do desenvolvimento linguístico e psicológico.* Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Londrina: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola.* Tradução Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOUZA, E. G. G. e STUTZ, L. (2019). “O (re)conhecimento da sócio-história nas capacidades de significação: conceitos necessários para operacionalização de linguagem e didatização de gêneros.” *Trabalhos de Linguística Aplicada*, vol. 58, nº 3, pp. 1113-1133. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/nJ9ysyLn6Nv5f8Q4FCFRLby/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10/06/2024.

STUTZ, L. (2012). *Sequências didáticas, socialização de diários e autoconfrontação: instrumentos para a formação inicial de professores de inglês.* Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem. Londrina: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.

STUTZ, L. e CRISTOVÃO, V. L. L. (2011). “A construção de uma sequência didática na formação docente inicial de língua inglesa.” *Signum*, vol. 14, nº 1, pp. 569-589. Disponível

em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/8578>. Acesso em: 10/06/2024.

ZANI, J. B. e BUENO, L. (2017). “O ISD, a análise da conversação e os meios não-linguísticos: uma proposta de quadro de análise da comunicação oral em eventos científicos.” *Veredas*, vol. 21, nº 3, pp. 615-640. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/28027>. Acesso em: 10/06/2024.